



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Antigos e Soltos. Poemas e Prosas da Pasta Rosa', de Ana Cristina Cesar]

Luciana di Leone

Para citar este documento / To cite this document:

Luciana di Leone, "[Recensão crítica a 'Antigos e Soltos. Poemas e Prosas da Pasta Rosa', de Ana Cristina Cesar]", *Colóquio/Letras*, n.º 172, Set. 2009, p. 272-275.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

## LITERATURA BRASILEIRA

### POESIA

Ana Cristina Cesar

ANTIGOS E SOLTOS

POEMAS E PROSAS

DA PASTA ROSA

Organização de Viviana Bosi

São Paulo, Instituto Moreira Salles / 2008.

Passaram mais de 25 anos desde a morte de Ana Cristina Cesar, mas as gavetas íntimas que ela deixara cheias de cadernos e pastas, bilhetes e folhas soltas, com poemas e prosas, mais ou menos acabados, não pararam de se abrir ao público. Em Outubro do ano passado, coincidindo com o aniversário da sua morte, um novo livro veio alargar as prateleiras das suas edições póstumas: *Antigos e Soltos. Poemas e Prosas da Pasta Rosa*. Organizado por Viviana Bosi, o livro é o resultado de um trabalho cuidadoso feito sobre uma pasta com várias divisões internas, onde Ana organizara muitos dos seus escritos, e que tinha sido achada pela mãe, esquecida numa mala, alguns anos depois da morte da filha.

Essa porção do heterogêneo arquivo da poeta que, desde 1998, está guardado — porém acessível aos pesquisadores — na sede do Rio de Janeiro do Instituto Moreira Salles, essa nova gaveta aberta que chega às nossas mãos, será certamente um novo estímulo para deleite dos leitores da poeta bem como dos amantes de edições fac-similadas de manuscritos. Mas também se abre às perguntas sobre as tramas da consagração de um escritor já morto, e sobre o papel dos vivos que continuam a escrever poesia e dos que assumem a tarefa de jogar luz sobre os seus papéis inéditos.

Ana Cristina Cesar nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de Junho de 1952. Forma-

da em Letras pela PUC, também concluiu dois mestrados — um pela UFRJ, na área de Comunicação, e outro em Inglaterra, na Universidade de Essex, em Tradução. Viva, publicou alguns livros de poesia em edições artesanais: *Cenas de Abril* (1979), *Correspondência Completa* (1979) — uma única carta, de menos de dez páginas, de «Júlia» para um indefinido «My dear» —, *Luvás de Pelica* (1981), editado primeiro em Inglaterra, e que a autora define como poesia/prosa, e, finalmente, *A Teus Pés* (1982), que reúne os três anteriores, com algumas modificações, e agrega uma nova série de poemas. *A Teus Pés* é, aliás, o seu primeiro e único livro publicado por uma editora, a Brasiliense, que apostava, no começo da década de 80, através da colecção Cantadas Literárias, em vários dos escritores que fizeram as suas primeiras aparições em produção e circulação alternativa durante os últimos anos da ditadura.

Um ano depois do lançamento de *A Teus Pés*, e poucos meses depois da sua segunda edição, em Outubro de 1983, Ana Cristina suicida-se. Deixa editadas, apenas, essas cem páginas de poemas, algumas traduções, artigos avulsos e a sua dissertação sobre cinema, *Literatura não É Documento* (Rio de Janeiro, MEC/Funarte, 1980). No entanto, as edições póstumas acrescentaram muitos escritos e livros à sua curta produção. É que ela escrevia sempre. Cartas, poemas, prosas, desenhos. Em pequenos papezinhos, guardanapos, bonitos cadernos arrumados. Se não, escrevia no ar, com o gesto automático de empunhar uma caneta invisível, como conta o amigo, poeta e crítico, Italo Moriconi na biografia *Ana Cristina Cesar: O Sangue de Uma Poeta* (Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996).

Dos textos assim espalhados, muitos saíram à luz em *Inéditos e Dispensos* (Brasiliense, 1985), organizado por Armando

Freitas Filho, poeta e amigo de Ana, e sob o olhar atento da mãe, Maria Luiza Cesar. O livro foi o primeiro trabalho a ocupar-se dos papéis dela, mas a essa primeira antologia seguiram-se muitas outras, tanto no Brasil como na Argentina, Alemanha, Venezuela, França e Inglaterra, assim como em Portugal, onde apareceu a antologia *Um Beijo Que Tivesse Um Blue*, organizada e prefaciada por Joana Matos Frias (Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2005), que inclui vários poemas dos seus quatro livros publicados e uma selecção de *Inéditos e Dispersos*.

Apenas dois anos depois da morte de Ana, *Inéditos e Dispersos* justifica, na nota introdutória, a sua aparição, por dois motivos: primeiro, a certeza de Armando sobre o valor literário desses textos; segundo, a própria necessidade do organizador, da família, dos amigos, de preencher o vazio, de entender a ausência. Esta edição foi uma actividade guiada pelo afecto, pela saudade. O resultado é um livro indispensável, com material interessantíssimo, ordenado cronologicamente, desde os poemas de infância até fragmentos de textos que parecem vir de algum diário ou agenda e que fazem referência ao período em que ela ficou internada, depois de uma primeira tentativa de suicídio, alguns meses antes de efectivamente consumá-lo. De certa forma, *Inéditos e Dispersos* parece construir uma narrativa que «explica», através desse avanço cronológico e nas múltiplas referências que muitos dos escritos fazem à morte e ao póstumo, o desfecho abrupto da vida de Ana, estimulando a construção de uma imagem estereotipada de poeta genial e suicida que proliferara em muitos textos posteriores e no imaginário carioca.

No entanto, não foi essa versão a única que veio a compor a imagem que dela podemos ter agora, e que o livro organizado por Viviana Bosi tem de enfrentar. Signi-

ficativamente, na década de 90, Ana C. começou a ser estudada nas universidades. A sua produção permitiu ler de uma forma rica e sofisticada, embora por vezes com falsa comodidade interpretativa, muitas das estratégias caras às leituras e escritas chamadas da pós-modernidade, na medida em que encenaria em vida e obra a fuga do sentido, o fim das identidades fixas, a porosidade da fronteira entre vida e escrita... Assim, a crítica pós-moderna, percorrendo as letras da poeta, alimentou dezenas de dissertações e teses, que mais constatavam do que analisavam criticamente essas figuras, tornando-se também lugar-comum.

A figura de Ana C. que chega até nós hoje identifica-se então, principalmente, com esses traços: a de uma poeta suicida, genial e bonita, e de uma subjectividade em fuga, dentro e fora dos poemas. *Antigos e Soltos* tenta escapar desses lugares-comuns, tanto da procura de pegadas biográficas, quanto da constatação do desaparecimento de toda a identidade fixa. Nesse sentido, ele desvenda, sim, alguns segredos, como diz Viviana Bosi na introdução: «Vários já foram publicados. Outros certamente não estavam prontos, nem desejariam jamais expor-se fora da gaveta». Mas não são segredos biográficos. *Antigos e Soltos*, por um lado, reforça a fama de Ana, lança ainda mais luz sobre a sua figura, insiste na sua importância ao trazê-la numa edição de luxo, mas, por outro lado, também permite discutir vários desses lugares-comuns construídos através dos *media* e da academia, mostrando a sua oficina de escrita, espalhando lúcidos textos que vão a contrapelo de uma canonização fácil e afastam a sua figura da aura doentia que despertara o seu suicídio.

Desse modo, paradoxalmente, o novo livro completa e «corrige» o trabalho realizado com o arquivo e a figura estereo-

tipada de Ana C. que se fora desenhando nessas três décadas.

Navarro,

Te deixo meus textos póstumos. Só te peço isto: não permitas que digam que são produtos de uma mente doentia! Posso tolerar tudo menos esse obscurantismo biografílico. Ratazanas esses psicólogos da literatura — roem o que encontram com o fio e o ranço de suas analogias baratas. Já basta o que fizeram ao Pessoa. É preciso mais uma vez uma nova geração que saiba escutar o falar dos signos.

R.

Essa é a primeira dactilografia que aparece reproduzida no livro. Batida em folha branca e sem pauta, primeiro escrita por Ana C. e depois escolhida e colocada sem inocência pela organizadora. Enquanto texto de abertura ecoa — o leitor deve fazê-lo ecoar — em todos os que virão, como uma advertência à forma de ler esses inéditos agora editados; ecoa, assinalando o problema ético que se levanta na leitura de figuras mitificadas; entre elas, a dos poetas suicidas. A organização do livro, assim, faz com que a autora peça ao leitor desde o começo para evitar a procura de uma verdade monolítica, de analogias ou explicações biográficas, ajudando-a a mostrar-se complexa e facetada — «hoje sou eu / que estou te livrando / da verdade», dizia um poema de *A Teus Pés*.

Depois dessa chamada inicial, nada impede o leitor de circular pelas 475 páginas de *Antigos e Soltos*, belamente encadernado em um grosso papel cor-de-rosa, com uma sobrecapa de papel vegetal que deixa transparecer, sob o título, uma dactilografia circulada por rabiscos manuscritos, iguais aos que se repetirão em diferentes cores e tamanhos no interior. É essa semelhança total com o manuscrito, a qualidade da cópia, a ilusão de original, a sensação

de estar realmente diante de uma folha manipulada por Ana — e onde, portanto, ela esteve um dia, física e viva —, que satisfaz o desejo fetichista do leitor e do pesquisador, sem por isso entregar segredos biográficos, cartas ou escritos íntimos.

Este livro fetiche, no entanto, é muito mais do que isso. Pode ser para o leitor tanto um texto de *prazer* quanto um texto de *gozo*, seguindo a diferenciação que faz Roland Barthes em *O Prazer do Texto*. É de prazer, uma leitura contente e confortável, porque a viagem pelas páginas é lúdica, faz o olhar passear pelas várias versões de um mesmo texto, em diferentes cores e tipos de letra, pelas setas que vão e vêm entre as linhas e lançam comentários de diferentes épocas, às vezes críticos, outras, carinhosos. Vão-se descobrindo com prazer as hesitações da letra manuscrita, os seus apuros, os seus erros. No entanto, também é uma leitura de *gozo*, que, como diz Barthes, é feita com vagar, obriga a *levantar a cabeça*, pois *faz entrar em crise a sua relação com a linguagem*.

Essa leitura constrói-se, em *Antigos e Soltos*, como bem ressalta a organizadora, como uma oficina da escrita — ou, uma cozinha, como Ana gostaria mais, tal como vemos num dos primeiros rascunhos reproduzidos, que traz, com o título de «Culinária», o sumário de um possível livro de poemas e receitas de cozinha. Nessa oficina de textos, reunidos nas seções intituladas «Prontos mais Rejeitados», «Inacabados», «Rascunhos/Primeiras Versões» e «Antigos e Soltos», podem ser reconhecidas várias das características presentes na obra já publicada. Ali se entrecruzam citações eruditas ou de clássicos tanto da poesia francesa ou inglesa, como da brasileira, com referências a personagens de TV, novelas, à música de moda, à cultura pop e de massas, testemunhando um trabalho complexo com os materiais mais diversos. Também vemos

entrelaçar-se uma dicção mais prosaica com uma linguagem poética milimetricamente trabalhada, anulando o mito de um mero espontaneísmo da sua poesia, sem por isso torná-la um exercício construtivista.

Já a última das secções, «O Livro», traz um projecto de escrever um «conto»: «O enredo deste conto é um esquema simples e linear como um verdadeiro enredo» (p. 427), vontade de escrever prosa que Ana manifestara em várias das cartas que aparecem em *Correspondência Completa* (Rio de Janeiro, Aeroplano, 1996). Vontade de ter uma linguagem leve, «contar histórias, sintaxes coleantes», como diz numa carta a Heloísa Buarque de Hollanda, em Maio de 1980. Vontade que parece estar truncada na linguagem escura e sinuosa dos textos publicados, mas que, de novo contraditoriamente, apontariam, segundo Viviana Bosi, para um possível futuro *livro* planeado.

Cabe ainda assinalar que *Antigos e Soltos*, pela sua qualidade, tamanho e luxo, contrasta não apenas com as edições artesanais, policopiadas, rústicas e mínimas, que Ana fizera para os seus primeiros livrinhos, assim como com as folhas soltas e desgastadas que são reproduzidas no seu interior. No entanto, esse contraste encena uma tensão que parece percorrer tanto a sua vida como a sua obra póstuma: uma tensão entre a vontade de aparição, de se mostrar pública, de deixar escritos como testemunhos, e outra vontade, igualmente poderosa, de *desaparição*, de apagamento das pegadas biográficas no texto, das pegadas textuais na vida.

Mantendo essa tensão, *Antigos e Soltos* participa de uma tentativa de re-leitura das leituras feitas nas primeiras três décadas depois da sua morte, uma tentativa de re-leitura da imagem mitificada. Embora se trate também de um trabalho celebratório e carinhoso, como a maioria dos que

o precedem, ele não pretende, e seria um despropósito fazê-lo, completar os vazios deixados por Ana. Ele não nos apresenta apenas *uma*, mas as várias versões que dela podemos deprender, mostrando as suas versões antigas, inacabadas, rejeitadas — tentando assim abrir a possibilidade de escutar falar os signos de Ana C.

*Luciana di Leone*

**Horácio Costa**

**RAVENALAS: POEMAS 2004-2008**

São Paulo, Selo Demônio Negro, 2008

Para ler *Ravenalas*, livro mais recente do poeta brasileiro Horácio Costa, já não parece ser suficiente aquela divisão entre um tipo de poesia mais concentrada, construtivista, e outro tipo cuja dicção seria mais oralizante e de temática francamente quotidiana. Do primeiro tipo, viriam os poetas que seguem uma linha-gem devedora a determinada leitura da poesia de João Cabral de Melo Neto e sobretudo a certa apropriação do projecto concretista. Do outro lado, viriam os poetas mais inclinados à poesia dita marginal, que dava conta de um cenário carioca da década de 70, cuja distribuição era feita à margem do mercado com edições policopiadas e cujo recorte e aproximação remontariam ao poema-piada e ao poema-minuto modernista. Guardando as devidas proporções e diferenças, em Portugal é como se se tratasse das discutíveis distinções entre o chamado retorno ao real dos poetas de 70 e a realidade da linguagem dos de 61. Enfim, muitas vezes classificações iludem, já que uma poesia dita mais concentrada não precisa abrir mão do referencial nem da experiência subjectiva; assim como uma poesia dita mais espontânea não exclui o trabalho formal, sendo rigorosa à sua maneira. E